

Editorial

Os *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade*, periódico integrante do portal de revistas da USP (www.revistas.usp.br/filosofiaalema), apresenta seu volume 20, número 1 (2015). Esta edição conta com artigos elaborados por importantes pesquisadores nacionais e estrangeiros.

Neste número, seguindo a diretriz de ampliar nossa abrangência temática, apresentamos dois textos sobre Gibbon, destacado historiador inglês do século XVIII e autor de *Declínio e queda do império romano* e *Ensaio sobre o estudo da literatura*, entre outras obras. Pedro Paulo Pimenta, em “Gibbon e a história filosófica de Tácito”, argumenta, seguindo Gibbon, que a concepção filosófica da história do século XVIII se fortalece com o recurso ao historiador romano Tácito. São feitas referências a escritos de Tácito como *Anais*, *Germânia* e *Histórias*. No segundo artigo, “História e Crítica: Gibbon e a grandeza imoderada de Roma”, Fernão de Oliveira Salles coloca em questão a leitura de que Gibbon endossa sem restrições a tese de que a vida de luxo e suas consequências seriam determinantes para o declínio e a queda do império romano. Ainda que reconhecendo a importância do tema e a valorização da “austera simplicidade da república” romana por Gibbon, Salles, como Pocock, aponta que não há uma mera identificação da rusticidade com a virtude e considera que, em vista de sua concepção de história, Gibbon não poderia aceitar tais dicotomias - tendo, assim, uma posição peculiar no pensamento do século XVIII.

Vinicius de Figueiredo, em “Seria Nietzsche um kantiano?”, discute a tese presente no livro *Nietzsche, perspectivismo e democracia*, de Fernando Costa Mattos, de que o perspectivismo nietzscheano representa o aprofundamento da subjetividade crítica de Kant e que, em decorrência

Editorial

disso, o pensamento de Nietzsche se coaduna com a democracia. O autor deste artigo problematiza a aproximação destes filósofos, fazendo referência ao projeto crítico kantiano e a diversas interpretações da filosofia de Nietzsche. São mencionadas as leituras de Heidegger e Derrida sobre Nietzsche, e de outros autores brasileiros, como Giacoia, Marques, Marton e Moura, de modo a explicitar a posição de Mattos a respeito desta filosofia.

Em “Deber, justicia y coacción en el cosmopolitismo jurídico kantiano”, Nuria Sánchez Madrid propõe uma leitura acerca da debilidade coercitiva do direito cosmopolita de Kant, analisando o modelo kantiano de passagem do estado de natureza social ao estado civil.

No artigo “Acerca de una consideración naturalizada de la *filosofía de la historia* de Immanuel Kant: Epigénesis e historia universal”, Natalia Lerussi defende uma concepção naturalizada da *filosofia da história* de Kant, por perceber, em sua concepção da *história universal* em *Ideia de uma história universal em sentido cosmopolita*, uma identidade com a teoria da epigênese, presente na *Crítica da faculdade do juízo*.

Em “‘Una via genuina a la verdadera filosofía’. Estatuto y rol de la crítica filosófica en el *Über das Wesen der philosophischen Kritik*”, Sandra Palermo volta-se ao conceito de *philosophische Kritik*, sugerindo uma leitura de tal conceito como “ponto de crise” na concepção hegeliana de filosofia.

Em seu artigo “Soberania e poder em *Sobre a Revolução* de Hannah Arendt”, Renata Romolo Brito aborda a noção de abolição da soberania nos escritos de Hannah Arendt, em relação intrínseca com sua crítica ao nacionalismo e à concepção de direitos humanos vigente - confrontando a questão da soberania, entendida sob estes aspectos, à leitura que Arato e Cohen fazem do texto arendtiano.

Ricardo Nachmanowicz, em “A tensão entre fenomenologia e teoria nos comentários de Kant sobre a música”, aborda os

Editorial

comentários de Kant sobre música na *Crítica da faculdade do juízo*, no contexto da discussão sobre a divisão das belas artes.

Em “Kierkegaard *antimoderno*, ou para uma tipologia (alternativa) da posição sociopolítica kierkegaardiana”, Gabriel Rossatti propõe uma leitura da obra de Kierkegaard, sob seus aspectos sociopolíticos, apoiada no conceito de *antimoderno*. Trata-se de um conceito oriundo dos escritos de Antoine Compagnon, utilizado inicialmente para caracterizar determinada tradição francesa de pensamento que tem posição ambivalente em relação à modernidade.

Em “Sobre a presença da mística na filosofia tardia de Walter Benjamin”, Fernando Del Lama aborda as teses “Sobre o conceito de História”, tendo em vista a presença nestes escritos do materialismo histórico e de temas relacionados à mística judaica, como as noções de redenção, “fraca força messiânica” e tempo-de-agora. De modo a expor a disputa que se formou na tradição em torno da chave de leitura mais adequada para esta obra de Benjamin (materialista ou teológica), o autor retoma as interpretações de Brecht, Scholem, Adorno, Habermas e Tiedemann - e as contrapõe a leituras mais recentes, como de Löwy e Gagnebin, que visam a uma síntese destes elementos.

Por fim, reforçamos o convite às nossas leitoras e aos nossos leitores para que contribuam, através da submissão de textos, com a interlocução filosófica que os *Cadernos* pretendem estimular e aprofundar.